

**A HISTÓRIA COMO VEÍCULO DE IDENTIDADE NACIONAL  
NOS LIVROS INFANTO-JUVENIS PORTUGUESES:  
ALGUNS TÍTULOS ENTRE 1880 E 1940**

DATA DE  
RECEPCIÓN:  
28/05/2015

DATA DE  
ACEPTACIÓN:  
01/09/2015

**LA HISTORIA COMO VEHÍCULO DE IDENTIDAD NACIONAL  
EN LOS LIBROS INFANTILES Y JUVENILES PORTUGUESES:  
ALGUNOS TÍTULOS ENTRE 1880 Y 1940**

**HISTORY AS A VEHICLE OF NATIONAL IDENTITY  
IN JUVENILE AND CHILDREN'S PORTUGUESE BOOKS:  
A FEW TITLES FROM 1880 TO 1940**



*Raquel Patriarca*

Universidade do Porto (Portugal)

blankbluebook@gmail.com

**Resumo:** Alguns dos livros destinados às crianças e à juventude carregam conteúdos que ultrapassam em muito as simples funções educativa e lúdica, inerentes à prática da leitura e à abertura de incontáveis cenários de encantamento e imaginação. Servem, sobretudo, a um propósito de formação ideológica, moral e comportamental que não passa despercebido a nenhum dos regimes políticos que Portugal conheceu entre 1880 e 1940. O sentido da identidade nacional é um tema que, desde sempre, se revelou de enorme importância, aparecendo, recorrentemente, nos livros para as crianças e jovens, tratado, em grande parte dos casos, através do contar da História de Portugal, integrando-a no quadro de valores e concepções político-culturais e socioeconómicas de diferentes épocas, de acordo com os modelos de sociedade que se pretendem não só transmitir mas também, e sobretudo, criar junto dos jovens leitores.

**Palavras-Chave:** Literatura Infanto-juvenil Portuguesa, História do Livro, História de Portugal, Nacionalismo, Identidade Nacional.

**Resumen:** Algunos de los libros para la infancia y la juventud poseen contenidos que sobrepasan con creces las funciones educativa y lúdica, inherentes a la práctica de la lectura y a la apertura de innumerables escenarios de magia e imaginación. Sirven, sobre todo, a un propósito de formación ideológica, moral y de comportamiento que no pasa despercebido para ninguno de los regímenes políticos que Portugal conoció entre 1880 y 1940. El sentido de la identidad nacional es un tema que, desde siempre, ha sido de enorme importancia, apareciendo, de forma reiterada, en los libros para niños y jóvenes, abordado, en la mayoría de los casos, por medio de la narración de la Historia de Portugal, integrándola con los valores y concepciones político-culturales y socioeconómicas de diferentes épocas, de acuerdo con los modelos de sociedad que se pretende no sólo transmitir sino también, sobre todo, crear junto con los jóvenes lectores.

**Palabras clave:** Literatura Infantil y Juvenil Portuguesa, Historia del Libro, Historia de Portugal, Nacionalismo, Identidad Nacional.

**Abstract:** Some books intended for children and juvenile readers are teeming with contents that largely surpass the simple educational and recreational roles, inherent to the act of reading and the access to countless scenarios of enchantment and imagination. They serve, above all, the purpose of shaping ideologies, morals and behaviors, throughout the different political Portuguese regimes in power between 1880 and 1940. The sense of a national identity is an extremely important subject, recurrently present on children's and juvenile books, is often introduced by the telling of the Portuguese History, embedded with the code of moral values, as well as the political, cultural and socioeconomic conceptions of each time frame, intended not only to perpetuate, but also and most importantly, to establish social templates or models deemed to be assimilated at young age.

**Keywords:** Children's and Juvenile Portuguese Literature, Book History, Portuguese History, Nationalism, National Identity.

Patriarca, Raquel (2015). A história como veículo de identidade nacional nos livros infanto-juvenis portugueses: alguns títulos entre 1880 e 1940. *Elos. Revista de Literatura Infantil e Xuvenil*, 2, "Artigos", 63-89. ISSN 2386 -7620. DOI <http://dx.doi.org/10.15304/elos.2.2566>

## Introdução<sup>1</sup>

A identidade portuguesa ou, se quisermos, a *portugalidade*, constitui-se como tema recorrente no debate filosófico português, no quadro do que Eduardo Lourenço apelida de “preocupação obsessiva” (Lourenço, 1978: 89-92) com a identidade nacional. À semelhança de muitas outras temáticas que preocupam pensadores e autores, a identidade é uma questão entendida como de essencial transmissão às gerações futuras e, como tal, respira profundamente nas páginas dos livros para crianças e jovens. Traz à leitura – umas vezes de forma mais subtil, outras, de maneira bastante evidente – os símbolos unificadores da nação e os conceitos tidos como úteis à compreensão daquilo que é ser um *bom português*, carregando sempre uma forte componente ideológica que é do autor e do quadro mental e sociopolítico a que este pertence.

A identidade portuguesa é tratada, sobretudo, a partir de duas grandes linhas de abordagem. Uma primeira que integra os temas relacionados com os costumes e as tradições das diferentes regiões portuguesas, acompanhando, no período estudado, a emergência e consagração de áreas científicas como a antropologia e a etnografia a que se assiste durante a fase de 1880 a 1910, a valorização da cultura popular e do património cultural, artístico e arquitectónico característica da I República, bem como a adopção dos tipos regionais como figuras ilustrativas da portugalidade preconizada durante o Estado Novo. E uma segunda abordagem que agrupa os temas relacionados com a História de Portugal, perspectiva que constitui o objecto de análise deste artigo.

À luz de tais conceitos, e a fim de “descobrir o sentido das mensagens, explícitas ou implícitas, transmitidas pela palavra escrita”, compreender os livros colocando-os em confronto com os campos sociocultural, das mentalidades e das atitudes colectivas (Ribeiro, 1999; 187), propõe-se o presente ensaio fazer uma viagem no tempo pela literatura infanto-juvenil portuguesa, com data de edição entre 1880 e 1940, seguindo uma abordagem ideotemática de análise das obras que se debruçam sobre os temas da História de Portugal, tentando compreender de que forma se interrelacionam com a problemática mais abrangente da identidade nacional, considerada nos diferentes períodos políticos dentro do arco cronológico apresentado: Últimas Décadas do Constitucionalismo Monárquico, I República e Ditadura Militar e Estado Novo até 1940.



---

<sup>1</sup> A investigação que serve de pano de fundo para este artigo integra-se num quadro de estudos mais alargado, cuja estrutura deu origem à tese de doutoramento. Este texto foi escrito de acordo com a antiga grafia.

### Últimas Décadas do Constitucionalismo Monárquico (1880-1910)

Enquadradas num movimento crescente de publicação de obras para crianças e jovens que se sente um pouco por toda a Europa, surgem em Portugal as primeiras edições infantis e juvenis. Nestes anos, apesar do quadro editorial apresentar um número relativamente estreito de títulos disponíveis, assinala-se já um ritmo de publicação sistemático e consistente.

Apesar de diferentes autores terem diferentes formas de entender o papel e a função do livro infantil e juvenil, são genericamente unânimes na defesa do paradigma do livro como veículo formador, sobretudo no que toca à instrução ética e sentimental das crianças e jovens, procurando que cada livro encerre uma espécie de súpula de todos os conhecimentos intelectuais ou ensinamentos morais considerados necessários ao desenvolvimento do público leitor.

Dentro do núcleo mais evidente do género didáctico-literário é publicado, em 1880, o título *História alegre de Portugal* assinado por Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895). Membro do Partido Progressista e ministro da Marinha e Ultramar no período de movimentações das potências europeias em torno da partilha do continente africano, Pinheiro Chagas destacou-se ainda como historiador, dramaturgo, jornalista e escritor. O seu interesse particular pelo romance histórico pode ter estado na origem da *História alegre de Portugal*, subintitulada *leitura para o povo e para as escolas*. Destaca-se a terceira edição, de 1890, ilustrada por Alberto de Sousa (1880-1961), aguarelista da tradição e da ruralidade portuguesas, seguidor do naturalismo oitocentista. Procurando tocar, ainda que sumariamente, em todos os seus episódios, Pinheiro Chagas usa a voz do velho mestre-escola João da Agualva que conta, sob a forma de serões domingueiros em casa da Tia Margarida, a História de Portugal aos amigos e vizinhos, os saloios de Belas e das aldeias próximas. "A forma de contar ligeira e o enredo simples é que justificam o termo 'alegre' empregue no título desta obra" (Barreto, 2002: 239-240).

Já em 1906, Ana de Castro Osório (1872-1935) publica o livro *A minha Pátria*, uma 'digressão' de 396 páginas por regiões e tradições portuguesas e pela História de Portugal, onde nada parece ficar de fora. Esta autora assume um enorme destaque no panorama editorial e na construção da literatura infanto-juvenil portuguesa. Escritora, editora, jornalista, política e pedagoga, a sua actividade de autora de livros para crianças desenvolve-se a par da militância pelos ideais republicanos e da luta pela defesa dos direitos das mulheres. Membro fundador da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas assinou

obras sobre o divórcio, a emancipação da mulher e o papel da mãe solteira. Em *A minha Pátria*, partindo de um jovem personagem de nome Jorge, e ao longo de dezasseis capítulos<sup>2</sup>, Ana de Castro Osório fala da importância da escola e da aprendizagem, de Ciências, de Astronomia e de Geografia. No campo da literatura abordam-se a poesia trovadoresca, o *Romanceiro*, *Os Lusíadas*, evoca-se Amadis de Gaula, Sir Lancelote do Lago, D. Quixote de La Mancha e o Preste João das Índias. As épocas e factos da História de Portugal que a autora escolhe visitar são a resistência à ocupação romana, as invasões germânicas e árabes, a reconquista cristã, a fundação da Nacionalidade, as cruzadas, a crise de 1383-85, a batalha de Aljubarrota, a criação da Universidade de Coimbra, a conquista de Ceuta, os descobrimentos portugueses<sup>3</sup> e o desastre de Tânger. Finalmente, numa espécie de secção dedicada a biografias, a autora dá a conhecer aqueles que considera serem os vultos mais importantes da História de Portugal, atitude que corresponde à ética positivista de culto dos ‘grandes heróis’, e os exemplos de amor à Pátria que pretendem inspirar os jovens leitores. A lista completa dos personagens biografados inclui 35 nomes que procuram reflectir uma síntese do melhor do que é ser português. Uma espécie de panteão de modelos e realizações que contribuíram para a grandeza da nação.

Entre os nomes mais sonantes encontramos os monarcas Afonso Henriques, Sancho I, Dinis, Pedro I, Fernando, João I, Duarte, João II e Manuel. Das rainhas são seleccionadas apenas duas: Leonor Teles que preenche o papel do modelo a evitar, e a rainha Santa Isabel, exemplo da bondade, caridade e modéstia que devem nortear todas as acções dos leitores, sobretudo das leitoras. Entre os grandes heróis encontram-se Viriato, Martim Moniz, Fuas Roupinho e Nuno Álvares Pereira; no grupo dos navegadores e descobridores encabeçado pelo infante D. Henrique, seguem-se Tristão Vaz Teixeira, João Gonçalves Zarco, Gil Eanes, Bartolomeu Dias, Diogo Cão, Fernão de Magalhães, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque e Pedro Álvares Cabral.

Esta obra é um bom exemplo da permeabilidade do livro infanto-juvenil ao projecto regenerador e aos ideais demo-republicanos que, neste período, influenciam a obra de muitos autores. Também neste sentido o trabalho de Ana de Castro Osório se revelará precursor e, com algumas alterações de conteúdo e forma, *A minha Pátria* parece tornar-se um modelo adoptado por vários outros autores, tanto no período da I República como do Estado Novo.

Vítor Ribeiro (1862-1930), coordenador da *Biblioteca da infância* publicada pela Casa Alfredo David entre 1909 e 1916, é autor de dezassete dos dezanove volumes que compõem a

---

<sup>2</sup> *O jardim do Jorge; Como o Jorge gosta de aprender história; Os lusitanos; As invasões; Os aborrecimentos do Jorge; Um passeio ao castelo de Palmela; As predilecções do Jorge; As reclamações do Alberto; A obra das crianças; As nossas descobertas; Em caminho da Índia; A Arte; O Ceu; A Terra; O que vestimos; Quem sabe ler.*

<sup>3</sup> Os descobrimentos portugueses contam-se em seis partes: Ilhas atlânticas, Costa africana, Índia, Brasil, Timor e Macau.



## A história como veículo de identidade nacional nos livros infanto-juvenis portugueses: alguns títulos entre 1880 e 1940

coleção<sup>4</sup>. São livros marcadamente orientados para a formação cívica de feição patriótica das crianças e jovens, dedicando-se maioritariamente à exaltação de alguns episódios da História de Portugal e às biografias de alguns dos seus protagonistas. O título comum usado, *Narrativas e lendas da história pátria*, é elucidativo tanto no que se refere ao conteúdo como no que toca à intenção. Os livros distribuem-se por momentos específicos da História portuguesa sendo que, entre 1909 e 1910, foram publicados os títulos: *Conquista e organização do reino de Portugal* e *O Condestável D. Nuno Álvares Pereira*, ambos de 1909, *D. João I o rei eleito do povo*, *Os filhos de D. João I* e *O Infante D. Henrique e os trabalhos náuticos dos portugueses*, de 1910.

José Agostinho de Oliveira (1866-1938), professor e publicista, foi autor de diversas obras literárias de poesia, teatro e biografia, bem como assíduo colaborador da imprensa periódica portuguesa e brasileira. Escreveu em 1900, *As noites do Avozinho: belezas da História de Portugal*, numa aproximação ao tema em que faz a selecção de apenas alguns episódios.

Estas obras têm em comum o forte cariz patriótico, invocando o passado glorioso, como forma de inspirar os leitores para o desejo de aperfeiçoamento pessoal, o respeito, talvez mesmo o culto, dos grandes vultos da História, e o incentivo ao contributo para a grandeza da pátria.

Com excepção de Pinheiro Chagas – que toca todos os capítulos da História de Portugal, ainda que o faça de uma forma muito sumária – a tendência geral aponta para a selecção de determinados episódios em detrimento de outros e do todo. Invocam-se, num período de sentimentos pessimistas e decadentistas, as épocas áureas de conflitos ou de resolução de conflitos, de vitórias e descobertas, chamando para um presente menos auspicioso o moral elevado de outros momentos históricos, exaltando os seus protagonistas à condição de heróis, os ilustres portugueses do passado que servem de modelo aos jovens portugueses do presente.

A criteriosa escolha de algumas passagens da História de Portugal e o ‘esquecimento’ de outras reforça a ideia de que a função didáctica da História destes livros aparece algo subsumida à relevância do tema simbólico identitário, tornando-se este no aspecto estrutural da obra, em torno do qual todos os outros são chamados a gravitar. Tal interpretação ganha relevância tendo em conta que, neste período se consagram às crianças

---

<sup>4</sup> Dos dezanove títulos desta coleção, seis são publicados entre 1870 e 1910, e os restantes no período cronológico seguinte.

sobretudo obras de educação cívica, patriótica, moral e religiosa, na maior parte dos casos muito aquém daquilo que em termos estéticos seria exigível em literatura [...] e por uma forma inadequada aos interesses e capacidades dos mais pequenos (Gomes, 1997: 14).

Com efeito, a esmagadora maioria das obras infanto-juvenis dadas à estampa neste período insistem, inequivocamente, no uso recorrente e sistemático da exemplificação dos vícios e das virtudes, visando a formação moral dos leitores e o desenvolvimento dos valores necessários à “felicidade pública e privada da mocidade” (Roquete, 1875: I). No caso particular dos livros aqui em análise, tais exemplos são retirados, por um lado, de versões idealizadas das vidas de grandes figuras históricas e dos feitos do povo português – também ele entendido como um protagonista –, e, por outro, da interpretação que o autor faz do significado, importância e consequências dos acontecimentos históricos escolhidos e contados, numa atitude que procura apontar no passado uma doutrina que se adapte ao quadro simbólico e conceptual, mental e político do presente.

Sem surpresa, a preferência incide, por ordem de importância, sobre os descobrimentos portugueses; a fundação da Nacionalidade e Aljubarrota; mas também a resistência à ocupação romana, a crise de 1383-85, a restauração da independência e, por último, a revolução liberal, tema este que tenderá a desaparecer no silêncio dos assuntos históricos esquecidos, no período da I República e, sobretudo, da Ditadura Militar e do Estado Novo.

Não deixa de ser interessante a preocupação de se destacarem nomes e personagens que, apesar de terem exercido actividade política e até militar, se identificam, em primeiro lugar, com o mundo da cultura e muito particularmente das letras. Além de Camões, Gil Vicente e Alexandre Herculano, os leitores são convidados a conhecer Francisco Manuel de Melo, Almeida Garrett e João de Deus. Todos parecem integrar as comemorações, de cariz historicista e patriótico, iniciadas com o tricentenário da morte de Camões em 1880, continuadas em 1882 no centenário da morte do Marquês de Pombal, reflectindo o culto dos grandes portugueses que contribuíram para o progresso do país e da humanidade e usando o passado como meio de legitimar objectivos políticos do presente. Tais iniciativas funcionavam, nas palavras de Teófilo Braga, como uma síntese afectiva sendo que as exposições – inflamadas de uma retórica marcadamente nacionalista e imperialista – serviam a função de síntese activa no quadro ideológico de progresso (Pereira, 2007: 44).

Este período acompanha o início de um movimento a que Rui Ramos chama “Invenção de Portugal” e que consiste na “consagração de uma determinada concepção da especificidade



## A história como veículo de identidade nacional nos livros infanto-juvenis portugueses: alguns títulos entre 1880 e 1940

cultural portuguesa” através da “criação e institucionalização de símbolos nacionais identitários” (Ramos, 1994: 564). A criação dos símbolos – como o hino e a bandeira nacionais –, a glorificação dos grandes vultos da nação – como Camões ou o Infante D. Henrique –, a exaltação de determinados episódios da história pátria – como os Descobrimentos e a Restauração – e, finalmente, a valorização do território colonial funcionam como elementos definidores de identidade e de unificação nacional (Ramos, 1994: 565). Por um lado, estes elementos corporizam as fórmulas de criação e fortalecimento da identidade nacional<sup>5</sup> (Thiesse, 2002: 8) e, por outro, demonstram a “legitimação do estudo do passado pelos imperativos do presente” (Pereira, 2007: 49). Tal movimento assumirá uma relevância crescente nos períodos seguintes.

### I República (1910-1926)

A proliferação da propaganda republicana e dos seus objectivos regeneradores, através do ensino e da instrução que marca o texto da Constituição de 1911, é determinante no novo ambiente de actividade literária em Portugal nos inícios do século XX. O aumento demográfico que se faz sentir e que contribui para um aumento no ingresso de crianças nas recém-criadas escolas do ensino primário oficial obrigatório, bem como a criação das primeiras bibliotecas escolares e o combate aceso ao analfabetismo, não foram alheios ao novo fôlego que varre o panorama editorial português, fornecendo as bancas de novos títulos, individuais ou agrupados em colecções e séries, de periodicidade mais ou menos regular, em que as mesmas personagens reaparecem em novas aventuras. Estes factores revelar-se-ão determinantes para que a I República se constitua como “um período cultural com uma identidade própria, na medida em que se regista a existência de uma política cultural dominante, o aparecimento de novas formas de organização da cultura e de modos específicos de a consumir” (Dionísio, 1990: 9).

Dentro do modo literário formado pela poesia, contemplando a poesia como forma lírica do conto (Roig, 2008), assinala-se, em 1912, a publicação de *Bartolomeu marinheiro* da autoria de Afonso

---

<sup>5</sup> Segundo Anne Marie Thiesse uma nação deve estabelecer um conjunto de elementos identitários que compreendem: antepassados fundadores, uma galeria de heróis, uma história comum e de continuidade, uma língua, monumentos históricos e culturais, uma paisagem típica, lugares da memória, folclore e identificações pitorescas que se traduzem nos modos de vestir, na gastronomia, etc.



Lopes Vieira (1878-1946), advogado, redactor da Câmara dos Deputados, escritor, poeta e dramaturgo, teve oportunidade de viajar “pela Europa, [e] de volta, traz a ideia de reaportuguesar Portugal, tornando-o europeu” (Barreto, 2002: 529). A história de *Bartolomeu marinho*, dividida em cinco partes, conta a aventura de Bartolomeu Dias que vence o Gigante Adamastor<sup>6</sup>, outro exemplo do relevo atribuído à temática dos descobrimentos portugueses nos livros para as crianças e a juventude. “Inspirada de algum modo em *A Nau Catrineta* e *Os Lusíadas*” a abordagem feita pelo autor reflecte alguma “trivialidade” e “infantilização” que, contudo, “não chegam a prejudicar a musicalidade cativante da maioria destes poemas, lidos e ouvidos por várias gerações de portugueses e ilustrados por um conhecido arquitecto: Raúl Lino” (Gomes, 1997: 25).

Raúl Lino (1879-1974), ilustre arquitecto português diplomado em 1926, é conhecido pelo trabalho sobre a típica casa portuguesa e o seu estudo como espaço de socialização e veículo do “reaportuguesamento” característico desta época. Mais tarde, a sua concepção de estilo conservador é aproveitada pelo Estado Novo e adaptada aos seus objectivos tradicionais e nacionalistas. Na ilustração que constrói, a camisa de flanela grossa de xadrez, os calções e as botas de borracha pretas, bem como o barrete idêntico ao de um campino, colocam a representação do *Bartolomeu Marinho* de Raúl Lino mais próxima do típico pescador português do século XX que de um marinheiro do século XV. Apesar de a embarcação mostrar as formas evidentes de uma nau do tempo dos descobrimentos, cujas velas inclusivamente exibem a cruz de Cristo, os arabescos decorativos do casco, as cores vivas, e o nome *Flor do Mar* inscrito da proa invocam a imagem de um barco de pesca passível de se encontrar nas praias da Nazaré ou da Póvoa.



Transformados em vectores chave na obra de diversos autores, o amor à grande pátria – que inclui o império ultramarino –, o orgulho de ser português e o cumprimento do dever de cada um para com o País são veiculados pela narração dos feitos heróicos de portugueses ilustres mas também anónimos. Um dos exemplos mais acabados da exaltação patriótica num livro infanto-juvenil sai da imprensa em 1915 no conto *Lição ao tio* que integra o livro *Para divertir de Maria O’Neill* (1873-1932). Escritora, poeta e jornalista, colaborou em revistas como *A Ilustração Portuguesa* e *Zig-Zag*, e dirigiu o *Almanaque das Senhoras* e o *Almanaque Ilustrado*. É autora de um considerável número de obras infanto-juvenis, a maioria das quais se integra na *Biblioteca para a infância*, que apresenta algumas semelhanças com a colecção *Para as crianças* dirigida por Ana de Castro Osório no período anterior. Neste pequeno conto invoca a história

---

<sup>6</sup> "Era uma vez / um capitão Português / chamado Bartolomeu, / que venceu / um Gigante enorme e antigo. // Ouvi, pois, a linda história / do nosso Avô marinheiro, / este conto verdadeiro / que vos digo / em sua glória" (VIEIRA, 1912: 5).

## A história como veículo de identidade nacional nos livros infanto-juvenis portugueses: alguns títulos entre 1880 e 1940

de um jovem rapaz, órfão de pai, muito cumpridor e honrado que, depois de vingar na vida, ajudando sempre a mãe, proporcionando uma boa formação às irmãs e estando prestes a casar, é recrutado para servir na guerra. Naturalmente, mãe, irmãs e noiva intercedem e imploram para que não parta, ao que ele responde:

O serviço da pátria está acima de tudo. Deixo-lhes todo o meu dinheiro. Se eu morrer, terão a pensão de sangue. Mas não há nada que me faça ficar mudo à voz da Pátria quando ela chama os seus filhos.

Partiu. Portou-se heroicamente, e tanto se expôs que as balas não o pouparam. Morreu alegre e satisfeito, apesar de obscuro (O'Neill, 1915: 116).

Entre 1911 e 1916 continuam a ser publicados vários números na colecção *Biblioteca da infância*, coordenada por Vítor Ribeiro. Na série *Narrativas e lendas da história pátria* surgem agora as obras *A vontade do povo na história portuguesa*, *Afonso, o Africano, 1450-1481*, *O Príncipe Perfeito*, *Vasco da Gama*, *Afonso de Albuquerque*, *D. Manuel I* e *Luís de Camões*, dentro de uma selecção que continua a favorecer os temas relacionados com os descobrimentos portugueses e os seus actores.

No género literário da narrativa de viagens é publicado, em 1922, o livro *A viagem maravilhosa de Gago Coutinho e Sacadura Cabral*, escrito e ilustrado por Meneses de Ferreira (1889-1936). A propósito da comemoração da travessia aérea do Atlântico Sul e da exaltação dos dois heróis nacionais que a levaram a cabo, faz-se o paralelismo entre a pioneira travessia aérea entre Portugal e Brasil com a descoberta das terras de Vera Cruz por Pedro Álvares Cabral em 1500, voltando-se ao tema dos descobrimentos e das viagens de exploração, para as quais os portugueses parecem particularmente vocacionados em todos os momentos da sua História. A ligação entre as duas viagens é sublinhada pela gramática visual das ilustrações, profusamente coloridas e desenhadas quase ao estilo dos cartulários e diários de navegação dos séculos XV e XVI.

Em 1926 é publicado o livro *Sementeira de oiro* da autoria de Parente de Figueiredo (1898-1992) com ilustrações de João Carlos (1899-1960). Parente de Figueiredo, poeta e escritor, conta histórias que introduz sempre como verídicas, com o propósito de orientar crianças e jovens para que cresçam em carácter e rectidão, evitando os vícios e as rasteiras da vida. Nos vários contos são abordados temas como o amor ao trabalho, à família e à pátria, os vícios do jogo e do alcoolismo, as virtudes da gratidão e da justiça e, naturalmente, a História de Portugal. O livro termina com o

poema *Águias lusitanas*, um dos textos mais conhecidos deste autor, onde recupera a travessia aérea do Atlântico por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, e aproveita para exaltar o heroísmo de todos os descobridores portugueses e descrever os aspectos mais característicos das várias regiões de Portugal. O ilustrador, João Carlos Celestino Pereira Gomes, médico e humanista convicto, exerceu uma acção notável na luta contra as doenças pulmonares e aliou o seu papel de artista ao de médico, ilustrando diversas obras de educação sanitária. Sob o nome Celestino Gomes foi poeta, prosador, ensaísta e divulgador científico, fundador da revista literária *Húmus*. Assinando como João Carlos foi pintor, ilustrador, xilografador e entalhador. O seu trabalho no livro *Sementeira de ouro* é notável do ponto de vista da retórica visual, onde a soturnidade dos rostos e dos ambientes representados de forma mais dramática que realista, bem como o uso de elementos simbólicos e identitários portugueses, realça o conteúdo do texto, acrescentando-lhe um discurso pictórico que, por si só, carrega grande parte da mensagem pretendida.

No mesmo ano é publicado *O romance das ilhas encantadas* de Jaime Cortesão (1884-1960). Médico, político, escritor e historiador português, combateu na I Guerra Mundial como voluntário do Corpo Expedicionário Português no posto de capitão-médico, fez parte do grupo da Renascença Portuguesa, colaborou com *A Águia*, e foi, mais tarde, um dos fundadores da *Seara Nova*. Nomeado director da Biblioteca Nacional de Portugal em 1919, foi exonerado em 1927 por ter participado numa tentativa de derrube da ditadura militar.

*O romance das ilhas encantadas* começa com um convite do autor:

imaginai, ao ler, que a escutais da boca dalgum velho marinheiro português, como aqueles que há cinco ou seis séculos, pelas noites de inverno, ao pé do lume, as contavam aos netos. [...] Lá fora o vento lembrava a voz do Mar. E eles ficavam-se a contar assim (Cortesão, 1926: 5).

Narra o descobrimento das ilhas da Madeira e dos Açores, transformando História em lenda, atribuindo a genealogia dos navegadores portugueses a uma linhagem meio fantástica e meio mitológica, descendente de uma sereia.

Partindo da lenda da Dama Marinha, contida no nobiliário do Conde D. Pedro – segundo a qual certo fidalgo português afonsino [Dom João Froiaz] tivera descendência de uma sereia [Dona Marinha] – Cortesão, misturando lenda, fantasia e História, aborda a origem mítica da vocação marítima dos portugueses, fazendo referência a um descobrimento da Madeira e dos Açores, levado a cabo pelos *Marinhos* (Gomes, 1997: 23).



## A história como veículo de identidade nacional nos livros infanto-juvenis portugueses: alguns títulos entre 1880 e 1940

Esta obra constitui mais um exemplo da centralidade dos descobrimentos portugueses, como tema histórico predilecto dos autores de livros infanto-juvenis, uma temática que, entre viagens e descobertas, tem tanto de apelo à aventura como permeabilidade à fantasia e ao mito, seguindo, aliás, a abordagem feita por Luís de Camões em *Os Lusíadas*.

*A lenda dos naufragos* da autoria de Berta Leite (1896-?), publicada também em 1926, é outro exemplo disto mesmo, criando histórias que, além do tema da viagem e da aventura, se debruçam sobre a força de carácter, o heroísmo, a perseverança e a sobrevivência. Berta Leite assinou livros de temática histórica e religiosa, colaborou com jornais de orientação católica e na obra *História do Padroado do Oriente* dirigida por Silva Rego. *A lenda dos naufragos* é o primeiro de dois livros que escreve para a infância.

É ainda fácil encontrar livros, de outros géneros que não o didáctico-literário, e sobre outros temas que não a História de Portugal, com uma outra função que não é a instrutiva, mas que, no seu miolo, entremetidos em outras histórias e outras funções, aparecem conteúdos de carácter didáctico, sobre diversas áreas e matérias do conhecimento, incluindo a História. O livro *Maurício e Beatriz* da autoria de Maria O'Neill, por exemplo, encontra pretexto para, entre as histórias de dois meninos, falar de animais domésticos, de Matemática, do abecedário e da revolta da Maria da Fonte.

Os temas da História de Portugal apresentam, neste período, maior relevância tanto em número de obras como na variedade dos géneros literários que se lhe dedicam. Este fenómeno, a reboque do crescente interesse nos conteúdos didácticos das obras escritas para a infância e a juventude, pode entender-se à luz da relação que se estabelece entre o ideário republicano e a educação, reflectida na ideia de que “a relação povo-escola [...] será o estandarte do Partido Republicano Português” (França, 1974: II, 526).

É visível o esforço empreendido ao longo da I República no sentido de reformar a educação em Portugal, num movimento demopédico apostado em moldar as gerações de cidadãos republicanos que, num futuro próximo, teriam a missão de reerguer Portugal. A educação dos jovens futuros cidadãos é planeada em várias frentes: a formação do carácter – em primeiro lugar – que explica a quantidade de obras de função edificante e que procura criar modelos mentais e comportamentais consentâneos com o quadro de valores preconizado pela República. Ainda que parte das intenções educativas desse período, expressas nas várias tentativas de reforma do ensino, não tenha obtido o sucesso que delas se esperava, é possível encontrar nos livros infanto-juvenis aspectos que reflectem os projectos pedagógicos do Estado republicano,

sobretudo naqueles que se debruçam sobre temas prioritários no âmbito do quadro republicano de valores: a cidadania, o patriotismo, o trabalho e a História de Portugal.

As comemorações de carácter historicista a que se assistiu durante a I República acentuam o culto dos grandes vultos do passado histórico, elevados à categoria de heróis, numa espécie de hagiologia nacionalista laica, que continua a invocar a bravura da resistência lusitana face às invasões romanas, o heroísmo das batalhas travadas na sequência da fundação da Nacionalidade e da crise de 1383-1385, o patriotismo da restauração da independência e da implantação da República, aparecendo Nuno Álvares Pereira como o herói português por excelência, aquele cujo exemplo de patriotismo, coragem e inteligência deve inspirar todos os jovens leitores.

À gesta da Expansão reserva-se um lugar central no que toca aos temas históricos: a grande maioria dos biografados são os navegadores portugueses; os monarcas mais retratados são aqueles em cujos reinados se descobriram mais territórios; o símbolo maior da nação e da língua portuguesa é Luís de Camões, o cantor da epopeia das descobertas. A centralidade do tema dos Descobrimentos Portugueses – relançada em 1922 pela travessia aérea do Atlântico Sul por Gago Coutinho e Sacadura Cabral – está, ainda, intimamente relacionada com a questão das Colónias e do Império, símbolos de orgulho e grandeza nacional.

### **Ditadura Militar e inícios do Estado Novo (1926-1940)**



A revolução de 28 de Maio de 1926, que provoca a transição entre a I República e a Ditadura Militar, vem desencadear profundas mudanças políticas e institucionais, implicando uma ruptura com as políticas educativas que se vinham a desenvolver. No quadro editorial infantil, os factores de mudança apresentam-se a vários níveis, o primeiro dos quais se relaciona com o aumento volume de obras publicadas. Tal aumento acompanha a evolução da imprensa em Portugal no século XX, indiciando também a crescente consolidação do sistema literário infanto-juvenil português. Mantém-se, nesta nova fase política, a mesma forma de entender o livro para a infância e a juventude, não como instrumento de lazer mas, e sobretudo, como veículo de instrução e de formação moral e ideológica, factores que assumem maior relevância num período marcado pelos regimes da Ditadura Militar e do Estado Novo, em que a formatação ideológica dos cidadãos operada pelo Estado, autoritário e paternalista, se apresenta como um importante instrumento de controlo dos comportamentos sociais e das mentalidades, exercido desde a infância.

## A história como veículo de identidade nacional nos livros infanto-juvenis portugueses: alguns títulos entre 1880 e 1940

Em 1927, é publicado o livro *A Batalha de Aljubarrota*, dentro do género didáctico-literário de cariz informativo, quase à medida dos manuais escolares. É assinado por Carlos Frederico (1902-?), pseudónimo de João António Manuel da Silva Zuzarte de Mendonça Filho, publicista e autor de diversas obras para a infância e a juventude, algumas das quais integradas na colecção *Contos para crianças* da Livraria Chardron. Foi dirigente da Juventude Católica de Lisboa e secretário-geral da Junta da Acção Política da Legião Portuguesa, tendo colaborado em jornais como *O Século*, *Novidades* e *A Voz*.

Armando Ferreira (1893-1968) é o autor de uma obra relevante que aborda a História no âmbito do texto dramático publicada em 1931 com o título *A nau Catrineta ou Titó e Tatá nos reinos da História: fantasia infantil, histórica, geográfica, científica, artística, alegre, mágica, aventureira, educativa, singular e mirabolante em um prólogo e doze quadros*. O texto desenrola-se a partir de viagens imaginárias com origem numa sala de estudo e que, na companhia de um professor, parte rumo à História e ao Mundo Português. Com intenções marcadamente pedagógicas, serve de pretexto para uma incursão à fundação da Nacionalidade e aos Descobrimentos portugueses, espécie de pórtico de entrada nas etapas seguintes e que levam os dois meninos a visitar as partes do mundo onde se fala português.

Os doze quadros<sup>7</sup> em que se divide este texto representam essa primeira escala onde Titó e Tatá conhecem duas personagens, a Senhora História e o Velho Portugal, que os acompanharão durante toda a peça e ao longo das escalas feitas na Madeira, nos Açores, em Cabo Verde, na Guiné, em S. Tomé e Príncipe, em Angola, em Moçambique, na Índia, em Macau, em Timor e no Brasil, numa estrutura semelhante à de uma narrativa de viagem, entretecida com texto dramático e que, a cada passo, se acrescenta de contos e lendas tradicionais de cada local visitado e de cada época evocada, incluindo sempre o Brasil como se ainda fizesse parte das colónias ultramarinas.

Entre as narrativas de viagem é editada, em 1929, *A viagem maravilhosa* da autoria de Adolfo Norberto Lopes (1900-1989), escritor e jornalista que começou a sua carreira no jornal *O Século*, passando mais tarde pelo *Diário de Lisboa*. Escreveu diversas obras, algumas das quais em colaboração com outros jornalistas e muitas sobre as várias viagens que fez ao longo da vida. *A viagem maravilhosa* é a sua invocação da travessia aérea do Atlântico Sul que Gago Coutinho e Sacadura Cabral realizaram em 1922.

---

<sup>7</sup> *Às três da tarde; No reino da História; Areias de Portugal; As ilhas encantadas; As feiticeiras do fogo; Sou pretinho da Guiné; Ver e crêr como S. Tomé; Furum-fum-fum que vou para Angola; Os jardins do Sr. Lourenço; No reino das pedrarias; Chum-Chim-Cháu; Do outro lado da Terra; e Uma hora depois.*

*Portugal pequenino*, publicado em 1930, é um trabalho conjunto de Raúl Brandão (1867-1930) e Maria Angelina, a sua mulher. Raúl Brandão é um autor que quase dispensa apresentações; foi militar e jornalista, autor de uma vasta e importante obra no panorama literário português dos finais do século XIX e inícios do XX, famoso pelo realismo das suas descrições e pela sua linguagem lírica. A obra aqui invocada é produzida no fim da sua vida e a única que escreve para crianças e em conjunto com a sua mulher. É significativa, desde logo, por tentar fazer para o território nacional aquilo que faz a viagem de Nils Holguersson para a Suécia. O leitor é convidado a acompanhar duas aves, Ruço e Pisca, numa longa viagem onde procuram conhecer as diferentes regiões portuguesas, demorando-se no relato dos principais acontecimentos históricos<sup>8</sup> e invocando os personagens que neles foram chamados a intervir, as espécies animais e vegetais típicas de cada região, falando, a cada momento, dos pequenos detalhes da portugalidade que se apresentam como elementos definidores da identidade nacional, retirados dos usos e costumes populares, das ocupações tradicionais, do artesanato e da paisagem. Este périplo leva ainda os dois personagens principais a evocar grandes vultos da cultura portuguesa, que definem como “algumas figuras excepcionais, um Mouzinho da Silveira, um Herculano, um Garrett, que tentaram renovar o país com ideias, livros, leis, reformas, esquecendo-se do principal – de o ensinarem a ler” (Brandão; Angelina, 1930: 85). Define-se Portugal com a expressão “Que linda terra! É a nossa terra” (Brandão; Maria Angelina, 1930: 110).

David Celestino (1880-1952), erudito, escritor, jornalista, publicista e investigador de mérito, formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, assumiu funções na administração local em vários pontos do país, tendo-se fixado em Évora a partir de 1912. Publica, em 1931, *O meu país de maravilhas*, dedicado à História de Portugal, às regiões portuguesas e ao elogio do patriotismo. É composto por oito contos cujos cenários são as diferentes províncias<sup>9</sup>, tendo sempre em conta que “Portugal é todo ele um grande inspirador de hinos inigualáveis” (Celestino, 1931: 101).

<sup>8</sup> Conquista de Lisboa em 1147, crise de 1383-1385, e os Descobrimentos.

<sup>9</sup> As histórias são contadas no seio de uma família que vive no Alentejo, e propõem um périplo por todo o país: nas Beiras fala-se da Serra da Estrela e da Fábrica de tecidos da Covilhã, visita-se Belmonte, a terra natal de Pedro Álvares Cabral, e a Guarda que é fria, feia e farta, invocam-se os poemas de Augusto Gil, fala-se do Sanatório das doenças respiratórias, da cidade de Viseu e do heroísmo de Viriato. Desce-se depois para as montanhas do Buçaco a propósito de que se fala do Duque de Wellington e da região da Bairrada. Em Trás-os-Montes visita-se Bragança e Vila Real, Miranda do Douro e a Serra do Marão. No Minho é paragem obrigatória o Bom Jesus do Monte, a cidade de Viana do Castelo e o templo de Santa Luzia. O Douro é pretexto para uma visita às escarpas onde se produz a vinha e o vinho, bem como à cidade do Porto. A caminho de Lisboa passamos pelo Convento de Cristo em Tomar, pelo Pinhal de D. Dinis em Leiria e pela fábrica dos vidros da Marinha Grande, a cidade de Santarém e a lezíria ribatejana. Na capital conhecemos o Mosteiro dos Jerónimos, o Aqueduto das Águas Livres, a Torre de Belém. Já no Alentejo, Évora é a cidade de eleição onde se visita a Catedral do Silêncio, o Giraldo, e a Igreja dos Santos Mártires. Fala-se ainda do mealheiro de barro de Estremoz, da lenda de Geraldo Sem Pavor, de Fernão Gonçalves Cugominho. No Algarve observam-se as alfarrobeiras e as laranjeiras, visita-se a Praia da Rocha e os cabos de Sagres e S. Vicente.



## A história como veículo de identidade nacional nos livros infanto-juvenis portugueses: alguns títulos entre 1880 e 1940

Entre 1931 e 1940, Adolfo Simões Müller (1909-1989) publica algumas das suas obras mais emblemáticas: *Meu Portugal, meu gigante* de 1931, *Caixinha de brinquedos* em 1937, e *Capelas perfeitas*, publicado em 1940. Poeta, jornalista e escritor, dedica grande parte do seu trabalho à literatura infanto-juvenil, numa obra que assenta sobretudo em temas da História de Portugal e dos seus heróis. Foi o fundador do semanário infantil *O Papagaio*, em 1935, e recebeu várias vezes o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho, o Prémio Nacional de Literatura Infantil<sup>10</sup>. *Meu Portugal, meu gigante* constitui-se como um dos exemplos mais acabados do apelo ao patriotismo nacionalista presente no discurso oficial do Estado Novo. As palavras do próprio autor são expressivas quando afirma:

bendita considerarei eu a minha obra se, ao findar a sua leitura, alguma criança, sentindo-se orgulhosa de ter nascido em Portugal, quiser conhecer mais e melhor a nossa linda História.

Este livro foi pensado

e escrito num sonho puro:

com os olhos no Passado,

e a esperança no Futuro (Müller, 1931: 8-9).

77

Este olhar sobre o passado e, sobretudo, a grande fé que deposita no futuro do país traduzem algum do comprometimento do autor com a ideologia do Estado.

Apassionado pela História de Portugal e pelos seus heróis, serviu-se dela para erguer uma obra assente na divulgação desses temas junto das camadas mais jovens numa perspectiva educativa e lúdica, mas à qual e a nosso ver, não conseguiu retirar a carga da História institucional salazarista. A sua obra de raiz *Meu Portugal, meu gigante* [...] até pelo título denota esse olhar para dentro, acrítico e lisonjeiro” (Barreto, 2002: 359-360).

Em 1932, Rui Correia Leite (1908-1973) escreve uma História de Portugal para as crianças a que chama de *Portugal dos pequeninos* com poemas dedicados à epopeia dos Descobrimentos. Em 1934 é publicada uma obra com o sugestivo título *Infância: quadras morais e patrióticas*, de

---

<sup>10</sup> Adolfo Simões Müller foi galardoado com o Prémio Nacional de Literatura Infantil – o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho atribuído primeiro pelo Secretariada Propaganda Nacional e, mais tarde, pelo Secretariado Nacional de Informação – com as obras: *Caixinha de brinquedos*, um conjunto de contos e lendas da História portuguesa, publicado em 1937; *O feiticeiro da cabana azul*, de 1942; e *A primeira volta ao mundo* que conta a história de Fernão de Magalhães em 1971. Em 1982 recebe o Grande Prémio da Literatura atribuído pela Fundação Calouste Gulbenkian ao conjunto da sua obra.

António Gil, título que se revelará correspondente a todo o conteúdo que reflecte o ideário político no contexto de um regime autoritário e nacionalista.

Integrados na colecção *Os grandes livros da humanidade*<sup>11</sup> da Livraria Sá da Costa, vêm à estampa vários títulos que compõem um conjunto de obras que se viriam a tornar icónicas na cultura e na literatura portuguesas. Entre os romances de aventuras adaptados a partir de obras da literatura institucionalizada, regista-se a publicação de três importantes títulos, todos assinados por João de Barros (1881-1960). Escritor, poeta, pedagogo e político, exerceu cargos importantes no Ministério da Instrução Pública durante o período da I República, foi co-fundador da revista *Atlântida* tendo-se empenhado no estreitamento das relações culturais entre Portugal e Brasil, e autor de importantes adaptações de obras clássicas da literatura de que destacamos *Os Lusíadas contados às crianças e lembrados ao povo*, de 1930, *Caramurú: aventuras prodigiosas dum português colonizador do Brasil*, com data de 1935, e *Viriato Trágico: adaptação em prosa do poema de Braz de Mascarenhas*, de 1940. As adaptações de *Os Lusíadas* e *Viriato Trágico* apresentam importantes diferenças em relação ao texto original: desde logo o facto de se tratar de textos poéticos que se adaptam como narrativas, mas também por um novo carácter que assumem e que está mais próximo do romance de aventuras. O primeiro parágrafo da adaptação de *Os Lusíadas* deixa o convite ao embarque na aventura:

Era uma vez um povo de marinheiros e de heróis, o povo português, o nosso povo, que já lá vai muitos anos – mais de quatrocentos – quis descobrir o caminho marítimo para a Índia. A Índia aparecia então, aos olhos de todos os Europeus, como terra de esplendor e de riqueza, que todos os homens desejavam, mas onde era difícil, quase impossível chegar (Barros, 2009: 11).

É o próprio autor que, no prefácio da obra, adverte para a natureza “sacrílega” da adaptação: “Não se toca numa obra de génio, para a apresentar simplificada aos olhos do público, sem a triste e aliás inevitável sensação de amarfanhar a sua beleza, de corromper [...] o seu encanto” (Barros, 2009: 7), justificando-se, umas linhas mais à frente, com a intenção de levar ao público mais jovem – e não apenas aos “alunos dos liceus e [aos] adultos” – esta obra que denomina “a Bíblia da Pátria”, para que “se lhes tornem familiares o povo, os heróis, os acontecimentos notáveis e celebrados por Luís de Camões e que são glória imorredora da nossa terra” (Barros, 2009: 7-8).



<sup>11</sup> Esta colecção foi alvo de inúmeras edições a mais recente das quais data de 2009 numa parceria entre a Livraria Sá da Costa e o jornal *Expresso*, com o título de *Clássicos da humanidade*.

## A história como veículo de identidade nacional nos livros infanto-juvenis portugueses: alguns títulos entre 1880 e 1940

Se, por um lado, estas obras cumprem um importante papel no contacto dos leitores mais jovens com alguns dos clássicos da literatura portuguesa dita para adultos, por outro acabam por incidir sobre temáticas que, já o referimos, são preferencialmente adoptadas em grande parte dos livros para as crianças e jovens, como é o caso da resistência lusitana às invasões romanas, os Descobrimentos portugueses e a colonização representada, neste caso, pelo Brasil.

Na mesma colecção, dentro da narrativa de viagem, com edição de 1933, aparece a *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, subintitulada *aventuras extraordinárias de um português no Oriente*, adaptada ao público infantil por Aquilino Ribeiro (1885-1963). Homem de Letras, jornalista, professor e conservador na Biblioteca Nacional, excepcional romancista da língua portuguesa. Colaborou com o *Jornal do Comércio*, *A Vanguarda*, *O Século*, *A Pátria*, a *Ilustração Portuguesa*, o *Diário de Lisboa* e a *República*. Fez parte do grupo que, em 1921, fundou a *Seara Nova*, ficando ligado ao movimento republicano. Foi, em 1956, eleito o primeiro presidente da Associação Portuguesa de Escritores, e proposto para o Prémio Nobel da Literatura em 1960.

Em *Os grandes livros da humanidade* integra-se ainda a *História trágico-marítima: narrativas de naufrágios da época das conquistas* adaptada, em 1934, por António Sérgio (1883-1969). Escritor, historiador, ensaísta e membro do grupo da Renascença Portuguesa, a sua actividade literária incide sobretudo no campo do ensaio, sobre temas políticos e com especial interesse pela área do ensino e da pedagogia. Fundador da revista *Pela Grei*, e co-fundador das revistas *A Águia* e *Lusitânia*, foi ministro da Instrução Pública por 72 dias, entre 18 de Dezembro de 1923 e 28 de Fevereiro de 1924, “o único cargo público que desempenhou em toda a sua vida” (Sousa, 2011: 11).

As ilustrações são da autoria de Martins Barata (1899-1970), pintor, desenhador e ilustrador, autor de uma numerosa e variada obra artística, particularmente importante nas áreas da filatelia e da numismática.

Jaime Cortesão é o autor da adaptação<sup>12</sup> da *Crónica do Condestável de Portugal*, editada em 1937 na mesma colecção da Livraria Sá da Costa. Conta os acontecimentos históricos que envolveram a crise dinástica que se viveu em Portugal a partir de 1383 e que conheceu solução com a batalha de Aljubarrota em 1385 apresentando, uma vez mais, Nuno Álvares Pereira, o Condestável do Reino, como o expoente da bravura e do patriotismo lusitanos.

---

<sup>12</sup> Desconhece-se a autoria original desta obra, sendo recorrentemente referenciada como *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira por um autor anónimo do século XV*.

## *Raquel Patriarca*

É de assinalar o prestígio assumido por esta colecção da editora Livraria Sá da Costa, desde logo através dos seus autores; nesta colecção integram-se quatro nomes maiores da cultura portuguesa: o escritor Aquilino Ribeiro, o pedagogo João de Barros, o ensaísta António Sérgio e o historiador Jaime Cortesão.

Recuando um pouco a 1935, assiste-se à publicação de *Estes sim... venceram: histórias para crianças* de Emília de Sousa Costa (1877-1959). Escritora e professora, autora de um vasto conjunto de obras para a infância e a juventude entre traduções e adaptações de contos estrangeiros e criações originais. Dirigiu importantes colecções dedicadas às crianças como a *Biblioteca infantil*, a *Biblioteca dos pequeninos* e *Contos de encantar*. Na introdução de *Estes sim... venceram* deixa expressa a sua intenção:

Com toda a isenção da minha fé patriótica nas virtudes de uma raça gloriosa, hoje presa de uma doença mundial sequestradora de energias, com toda a minha consciência de mulher, desapaixonada de política ou de interesses censuráveis, quis prestar o meu concurso humilde à propaganda redentora da nossa pátria adorada (Costa, 1935: [3-4]).

80

A obra compõe-se de pequenas biografias e exemplos de vida de ilustres portugueses<sup>13</sup> entre os quais podemos encontrar Alexandre Herculano, Teófilo Braga e o pintor José Malhoa, mas também a Francisco de Almeida Grandela, industrial, comerciante e fundador dos armazéns Grandela, aqui como exemplo de empreendedorismo e sucesso, bem como José Maria dos Santos, empresário agrícola, filho de um ferreiro, que se transformou num dos viticultores portugueses de maior sucesso, exemplo da capacidade de trabalho e de visão de futuro. Encontramos ainda os nomes e histórias de Silva Graça, fundador e proprietário do jornal *O Século*, Gaspar Ferreira Baltar, proprietário do jornal português *O Primeiro de Janeiro* e republicano afecto ao Partido Reformista e, mais tarde, ao Partido Progressista. Não deixa de ser interessante que Emília de Sousa Costa, em 1935 e, portanto, em pleno Estado Novo, decida dar o seu contributo de “propaganda redentora da nossa pátria” usando, para tal, exemplos de figuras proeminentes da política, da economia, da indústria e da cultura portuguesas dos períodos da Monarquia Constitucional e da Primeira República.



<sup>13</sup> Alexandre Herculano; Flamiano Anjos; Manuel de Sousa Carqueja; Agostinho Fortes; Eduardo Coelho; Francisco de Almeida Grandela; Brito Aranha; José Dias Ferreira; José Malhoa; Teófilo Braga; Silva Graça; Gaspar Ferreira Baltar; António Amieiro; Conde de Burnay; João António Coimbra; José Maria dos Santos; Conde de S. Marçal, Tomás Quintino Antunes; António Jardim.

## A história como veículo de identidade nacional nos livros infanto-juvenis portugueses: alguns títulos entre 1880 e 1940

Pela importância que lhe é dada no contexto histórico-político em que se insere, destaca-se o título *Centenário dos miúdos*, assinado por Pai Barbuchas, que procura levar aos leitores mais jovens as comemorações históricas dos centenários da fundação da Nacionalidade (que esta obra aponta para 1140) e da Restauração da Independência (1640), celebrados em 1940, ano da publicação do livro e em cuja capa se exibem os símbolos da nacionalidade: o escudo das cinco quinas, a esfera armilar e uma espada que podemos interpretar como sendo a lendária espada de D. Afonso Henriques.

Ainda em 1940, dentro do género didáctico-literário e sobre temas históricos, são publicados *Contos da História de Portugal* de J. Estevão Pinto (1895-?) e *História pequenina de Portugal gigante: um serão dos centenários* de António Correia de Oliveira (1878-1960). Poeta saudosista e monárquico convicto que esteve ligado aos movimentos culturais do Integralismo Lusitano e das revistas *Águia*, *Atlântida*, *Ave Azul* e *Seara Nova*, António Correia de Oliveira foi jornalista no *Diário Ilustrado*, acabando por se tornar num dos poetas oficiosos do Estado Novo, com inúmeros textos seus escolhidos para os livros únicos de língua portuguesa e para as selectas de leitura, tanto do ensino primário como do secundário. Na obra aqui citada invoca histórias que envolveram a fundação da Nacionalidade.

Também de 1940 e sobre o mesmo tema registamos a publicação da obra *Histórias da nossa História* de José Fontana da Silveira, que conta com 36 curtas narrativas sobre diversos episódios, personagens e até lendas da História de Portugal<sup>14</sup>.

Finalmente, e também em 1940, é editado o *Leal conselheiro infantil: o qual fizeram [...] para as crianças portuguesas em lembrança do ano áureo de 1940, VIII centenário da independência, III da restauração da pátria* da autoria do Cônego Moreira da Neves (1906-1992) e de Armando Leça (1893-1977). A extensão do título deixa patente a intenção de integrar as comemorações centenárias celebradas no ano de 1940, através de um cancionário composto por 74 canções divididas em *Verbo Cantar* e *Verbo Dizer*, precedidas de exercícios de fonética. Os poemas das canções abrangem temas populares – o *Manjerico* e o *Alecrim*; a *Cana Verde*; o *Malhão*, a *Chula* e o

---

<sup>14</sup> *Arraial*, *Arraial, por Portugal*; *Sonho Glorioso*; *Uma Lápida*; *Cadelinha Salvadora*; *A Primeira Legião Portuguesa*; *O Menino Patriota*; *O Caminho de Ferro em Portugal*; *Prenúncios de Libertação*; *Preito Filial*; *Generosidade Lusitana*; *Apelido Honroso*; *Mulheres de Portugal*; *Alicerces dum Império*; *Um Rei*; *O Anúncio em Portugal*; *Conta Bem Feita*; *Relíquias Intangíveis*; *Alma Portuguesa*; *Um Exemplo e uma Lição*; *Deus e Pátria*; *D. Nuno e o Alfageme*; *O Esperançoso*; *A Maior Proeza*; *Os Doze de Inglaterra*; *Grandes Verdades em Poucas Palavras*; *A Heroína de Angola*; *Combate singular*; *Heróis do Mar*; *Grande Exemplo*; *Quando Deus Guarda a Cidade*; *História para os Meninos Portugueses*; *Um Admirador de Afonso de Albuquerque*; *Alcácer-Quibir*; *Homem duma Só Fé*; *O Duquezinho Valente*; *Revelação*.

*Vira* –, bem como temas patrióticos – *Mocidade avante!*; *A espada e a cruz*; 1940 *Festa da Pátria*; *Hino da Restauração* –, e temas de cariz religioso e moralizante – *Dar de comer a quem tem fome*; *Dar de beber a quem tem sede* e outros deveres da misericórdia ou o *Amor de mãe*.

Assiste-se, nesta fase, a um acentuar da tendência assinalada no período anterior e que aponta, uma vez mais, para a instrumentalização dos conteúdos literários para as crianças e os jovens. As adaptações de *Os Lusíadas*, da *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, da *História trágico-marítima*, de *O Caramuru*, da *Crónica do Condestável* e do *Viriato Trágico* têm, como acima é referido, o mérito de trazer à leitura das camadas mais jovens alguns dos clássicos da literatura, função a que se deve associar uma outra que se traduz no (re)recontar da história nacional, através da (re)repetida invocação dos seus momentos de glória: a resistência às invasões romanas, a crise de 1383-85 e os Descobrimentos.

A recuperação e adaptação de obras clássicas da literatura institucionalizada, especialmente aquelas que se debruçam sobre temas da História pode integrar-se num plano de perpetuação de memórias colectivas e de elogio aberto do passado, factores detectáveis de forma particularmente significativa em determinados géneros literários como os romances de aventuras, os livros didáctico-literários, as narrativas de viagens e os livros de poesia e música.

É precisamente nesta modalidade, da poesia como música, que se torna mais evidente a instrumentalização dos livros infantis no sentido dos temas simbólicos patrióticos e históricos, plasmados em poemas, hinos e canções cujos títulos invocam o amor à terra, à bandeira, à escola e às grandezas do passado, que podemos corporizar no livro *Leal conselheiro infantil* de Armando Leça e do Cónego Moreira das Neves.

Num quadro geral, este é ainda um período em que a função didáctica dos livros infanto-juvenis se esbate em relação a uma outra função, menos apostada no conteúdo instrutivo, e mais ligada a uma função edificante e moralizante das mensagens transmitidas. Ainda que subsistam obras cuja intenção é eminentemente educativa, são em menor quantidade. É José António Gomes quem melhor resume esta realidade ao afirmar que se assiste

ao surto de uma literatura de pendor nacionalista (por vezes historicista), não raro de cariz moralizante, onde se exaltam pretensos valores nacionais no contexto dos objectivos de doutrinação ideológica do Estado Novo (Gomes, 1997: 27-28).



## A história como veículo de identidade nacional nos livros infanto-juvenis portugueses: alguns títulos entre 1880 e 1940

No grupo temático em cujos textos se invocam os temas da História de Portugal aparecem, neste período de forma recorrente, as descrições de viagens (ainda que imaginárias) às várias regiões e províncias de Portugal e do *Mundo Português*.

Entre os muitos exemplos passíveis de ilustrar este fenómeno destaca-se a obra *Capelas perfeitas*, em que Adolfo Simões Müller faz uma síntese do que são os principais focos de atenção dos autores de livros infanto-juvenis no âmbito do tratamento do passado e da sua relação com o presente, e que se resume no que o autor apelida de “Tríptico da Glória”, e que se compõe pelos três heróis maiores: Nuno Álvares Pereira, o Infante D. Henrique e Luís de Camões. É ainda na mesma obra que Müller apresenta uma segunda trilogia composta pelos três vértices da História:

É que os três vértices da nossa História  
são Fátima, o Pinhal, Aljubarrota  
Deus, Pátria, Lar...  
O céu, o berço, a glória... (Müller, 1940: 57).

Fátima é apresentada como polo central da vida religiosa portuguesa, o pinhal de Leiria é invocado como gênese da epopeia dos Descobrimentos, atribuindo-se às suas árvores a origem da madeira com que foram construídas as naus<sup>15</sup>; e Aljubarrota é eleita como símbolo da afirmação e do orgulho nacional, formando, em conjunto, três eixos da História de Portugal, mais uma das trilogias sucessivas que se constroem em torno da trilogia oficial: Deus, Pátria e Família.

Tendo em conta que o tema das colónias representa uma parte significativa do grupo temático ligado à valorização da identidade nacional portuguesa, assinala-se a perspectiva veiculada na peça *Nau Catrineta* de Armando Ferreira, obra que traduz, de forma particularmente clara, a importância atribuída pelo Estado Novo e pelo seu Ministério da Instrução Pública à criação de uma opinião colonial junto das crianças portuguesas<sup>16</sup>. Por um lado, através da transmissão de uma grande quantidade de informações sobre cada local visitado, onde as crianças têm oportunidade de conhecer os descobridores, os nativos (todos apresentados como portugueses), as paisagens, os recursos, os animais, bem como as histórias e lendas locais. Por outro lado, pela constante e sistemática chamada de atenção para o papel

<sup>15</sup> Esta ideia está também presente na *Mensagem* de Fernando Pessoa, no poema D. Dinis a quem o poeta chama de “plantador de naus a haver”.

<sup>16</sup> Intenção expressa no texto do Decreto nº 15088 de 28 de fevereiro de 1928. In: *Diário do Governo*. Série I, N.º 47, p. 382.

construtor e civilizador dos portugueses no mundo, veiculando, ao mesmo tempo, um sentimento de superioridade cultural próprio da ideologia colonialista da época que se traduz, de forma particularmente incisiva, em determinados momentos do diálogo:

(Na Guiné)

Velho Portugal – São os malvados dos Papeis. São os mais rebeldes. Os que não querem convencer-se de que isto tudo pertence a Portugal. [...] Há uns piores outros mais sossegados. Só aqui dominámos treze raças. [...]

Titó – Ó gente feia e esquisita...!

Carapinha – Gente feia nô siô... Qui há pretinho bonito como iô (Ferreira, 1931: 55).

[...]

(Em Angola)

Angola – Salvé Portugal!

(Todos os pretos se dobram para o chão, batem as palmas três vezes, e gritam: Salvé Portugal.

Salvé Siô Portugal! Salvé pequeninos esbranquinhos...) (Ferreira, 1931: 67).

Uma última nota em relação ao tema da História para dar conta da presença, significativamente reduzida, de livros em cujos textos se abordem temáticas da História Geral ou Universal, aspecto que vem confirmar a perspectiva nacionalista advogada pelo discurso oficial do Estado e que perpassa transversalmente nas várias formas e manifestações culturais, presente também na literatura infanto-juvenil. O fechamento do país sobre si próprio e a recusa de modelos culturais estrangeiros reflecte-se no quase total desinteresse pela História Universal ao mesmo tempo que, como fica patente, se atribui uma relevância cada vez maior à História de Portugal, seleccionada e narrada de acordo com as necessidades ideológicas e políticas do Estado Novo.

Este nacionalismo, frequentemente representado de forma simbólica é detectável também a partir das capas de diversas obras que, desde o primeiro contacto visual, proporcionam a leitura das insígnias da Nação e dos símbolos da sua História.

## **Conclusão**

A investigação e a análise aqui partilhadas parecem conduzir-nos a importantes conclusões. Antes de mais, o facto de os temas da História de Portugal estarem, indubitavelmente,



## A história como veículo de identidade nacional nos livros infanto-juvenis portugueses: alguns títulos entre 1880 e 1940

relacionados com a identidade portuguesa. Uma segunda conclusão, prende-se ao facto de tais assuntos aparecerem continuamente com uma desconcertante transversalidade temporal.

O diálogo entre os domínios histórico e antropológico, centrado especificamente nos episódios referidos, reflecte a perspectiva sobre a cultura popular preconizada por autores como Leite de Vasconcelos que, evocando a resistência lusitana à invasão romana, entendia a definição dos traços identitários e culturais portugueses à luz desse fundo lusitano matricial da nação, estabelecendo o período entre a pré-história e a fundação da Nacionalidade como intervalo cronológico em que vários povos teriam moldado a cultura tradicional portuguesa (Leal, 2006: 69).

São de grande relevância as temáticas relacionadas com a identidade nacional e cultural, envolvendo os episódios e personagens da História de Portugal, que assumem uma enorme importância no âmbito daquilo que é a construção de uma memória histórica, tendo em conta que há “três questões que andam tudo menos dissociadas: a leitura, a cidadania e a construção da memória histórica” (Gomes, 2009: 14). O recurso às narrativas da história nos livros para a infância e a juventude, enquadra-se num movimento em que se entende o “Ler ou dar a ler para construir memória... Ler para (re)viver, construir memória, convertê-la em herança e em pilar de cidadania activa. Esse é um dos desígnios da escrita. E da literatura para a infância e a juventude” (Gomes, 2009: 13).

O protagonismo que é atribuído aos temas da história nos livros infanto-juvenis encontra paralelo no âmbito do ensino da História que, segundo Sérgio Campos Matos se assume com um “meio particularmente sensível no registo das mutações da consciência nacional de uma comunidade” (Matos, 1990:8). Assim, nos livros literários como nos manuais escolares, reflectem-se as necessidades identitárias e ideológicas do presente, tratadas através da narrativa do passado. É ainda o mesmo autor que, partindo de uma declaração proferida em 1894 por Bento de Sousa, relaciona a importância dada à História nacional nos livros para os mais novos, com a criação de um estado autoritário: “o conteúdo ideológico da historiografia escolar, as “alterações de verdade”, a manipulação a que alude Bento de Sousa: “em Portugal, a verdade histórica corre alterada, e o que em tempos passados conveio aos homens e às facções transtornar, transtornado ficou”. Questão que estaria mais do que nunca na ordem do dia, aquando da construção do Estado Novo, nos princípios dos anos 30” (Matos, 1990: 22).

Invocando momentos fundacionais, como a resistência lusitana, a fundação da nacionalidade e a restauração, ou momentos-chave geradores de exemplos de glória e heroísmo, como a batalha

de Aljubarrota e, mais ainda, a epopeia dos Descobrimentos a par do culto dos seus heróis, observamos que os episódios e personagens da História de Portugal são invocados no intuito de se darem a conhecer, tanto pela sua importância e relevo histórico, como pela necessidade de transmissão de um passado comum e de uma memória colectiva, conducentes à definição de uma consciência nacional, pelo exemplo patriótico e edificante que representam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Bibliografia Activa

Barros, J. de (1935). *O Caramurú: aventuras prodigiosas dum português colonizador do Brasil*. Ilustr. Martins Barata. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

\_\_\_\_\_ (1940). *Viriato Trágico: adaptação em prosa do poema de Braz de Mascarenhas*. Ilustr. Martins Barata. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

\_\_\_\_\_ (2009). *Os Lusíadas contados às crianças e lembrados ao povo*. Ilustr. André Letria. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora: Expresso.

Brandão, R. e Maria A. (1930). *Portugal pequenino*. Ilustr. Carlos Carneiro. Lisboa: Edição do Autor.

Chagas, M. P. (1880). *História alegre de Portugal: leitura para o povo e para as escolas*. Lisboa: David Corazzi.

Cortesão, J. (1926). *O romance das ilhas encantadas*. Ilustr. Alfredo Roque Gameiro. Lisboa: Livraria Aillaud & Bertrand.

\_\_\_\_\_ (1937). *Crónica do Condestável de Portugal*. (Adap.) Ilustr. Martins Barata. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

Costa, E. de S. [1935]. *Estes sim... venceram: histórias para crianças*. Ilustr. Alfredo de Morais. Lisboa: Sociedade Editora.

Ferreira, A. (1928). *Titó e Tatá nos jardins da fantasia*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.

\_\_\_\_\_ (1931). *A nau Catrineta ou Titó e Tatá nos reinos da História: fantasia infantil, histórica, geográfica, científica, artística, alegre, mágica, aventureira, educativa, singular e mirabolante em um prólogo e doze quadros*. Ilustr. Alfredo de Morais. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.

Ferreira, M. de (1922). *A viagem maravilhosa de Gago Coutinho e Sacadura Cabral*. Lisboa: Edição do Autor.



A história como veículo de identidade nacional nos livros infanto-juvenis portugueses:  
alguns títulos entre 1880 e 1940

- Figueiredo, Parente de (1926). *Sementeira de ouro*. Ilustr. João Carlos. Vila Nova de Gaia: Litografia Lusitana.
- Frederico, C. (1927). *A Batalha de Aljubarrota*. Ilustr. Amoroso Lopes. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão.
- Leite, B. (1926). *A lenda dos naufragos: contos*. Ilustr. José Leite. Lisboa: Romano Torres.
- Leite, R. C. (1932). *Portugal dos pequeninos*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- Lopes, A.N. (1929). *A viagem maravilhosa*. Ilustr. Emérico Hartwich Nunes. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- Müller, A. S. (1931). *Meu Portugal, meu gigante*. Ilustr. José de Lemos. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- \_\_\_\_\_ (1940). *Capelas perfeitas*. Ilustr. Manuel Lapa. Lisboa: [s.n.].
- Neves, M. das, Cónego e Leça, A. (1940). *Leal conselheiro infantil: o qual fizeram [...] para as crianças portuguesas em lembrança do ano áureo de 1940, VIII centenário da independência, III da restauração da pátria*. Porto: Livraria Simões Lopes de Domingos Barreira.
- O'Neill, M. (1915). *Para divertir: contos*. Ilustr. António Santos Silva. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- \_\_\_\_\_ (1920). *Maurício e Beatriz*. Ilustr. António Santos Silva. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- Oliveira, A. C. de (1940). *História pequenina de Portugal gigante: um serão dos centenários*. Barcelos: Companhia Editora do Minho.
- Oliveira, J. A. (1909). *As noites do Avozinho: belezas da história de Portugal*. Porto: Casa Editora de António Figueirinhas.
- Osório, A. de C. (1906). *A minha Pátria*. Ilustr. Raquel Roque Gameiro. Setúbal: Para as Crianças.
- Pai Barbuchas (Pseud.) (1940). *Centenário dos miúdos*. Ilustr. Sampaio. Porto: Lopes da Silva Editor.
- Pinto, J. E. (1940). *Contos da História de Portugal*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco.
- Ribeiro, A. (1933). *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto: aventuras extraordinárias de um português no Oriente*. Ilustr. Martins Barata. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- Ribeiro, V. (1909). *Narrativas e lendas da história pátria: conquista e organização do reino de Portugal*. Lisboa: Casa Alfredo David.

- \_\_\_\_\_ (1909). *Narrativas e lendas da história pátria: o Condestável D. Nuno Álvares Pereira*. Lisboa: Casa Alfredo David.
- \_\_\_\_\_ (1910). *Narrativas e lendas da história pátria: D. João I o rei eleito do povo*. Lisboa: Casa Alfredo David.
- \_\_\_\_\_ (1910). *Narrativas e lendas da história pátria: o Infante D. Henrique e os trabalhos náuticos dos portugueses*. Lisboa: Casa Alfredo David.
- \_\_\_\_\_ (1910). *Narrativas e lendas da história pátria: os filhos de D. João I*. Lisboa: Casa Alfredo David.
- \_\_\_\_\_ (1912). *Narrativas e Lendas da história pátria: a vontade do povo na história portuguesa*. Lisboa: Casa Alfredo David.
- \_\_\_\_\_ (1912). *Narrativas e lendas da história pátria: Afonso, o Africano, 1450-1481*. Lisboa: Casa Alfredo David.
- \_\_\_\_\_ (1916). *Narrativas e lendas da história pátria: Afonso de Albuquerque*. Lisboa: Casa Alfredo David.
- \_\_\_\_\_ (1916). *Narrativas e lendas da história pátria: D. Manuel I*. Lisboa: Casa Alfredo David.
- \_\_\_\_\_ (1916). *Narrativas e lendas da história pátria: Luís de Camões*. Lisboa: Casa Alfredo David.
- \_\_\_\_\_ (1916). *Narrativas e lendas da história pátria: o Príncipe Perfeito*. Lisboa: Casa Alfredo David.
- \_\_\_\_\_ (1916). *Narrativas e lendas da história pátria: Vasco da Gama*. Lisboa: Casa Alfredo David.
- Sérgio, A. (1934). *História trágico-marítima: narrativas de naufrágios da época das conquistas*. Ilustr. Martins Barata. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- Roquette, J. I. (1875). *Tesouro da mocidade portuguesa*. Lisboa: Casa da Viúva Aillaud, Guillard e Cia. 8ª edição.
- Silveira, J. F. da (1940). *Histórias da nossa História*. Porto: Livraria Escolar Progredior.
- Vieira, A. L. (1912). *Bartolomeu marinho*. Ilustr. Raúl Lino. Lisboa: Livraria Ferreira.

### **Bibliografia Passiva**

- Barreto, A. G. (2002). *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*. Porto: Campo das Letras.
- Dionísio, E. (1990). "A Vida Cultural durante a República". Em Medina, J. (Dir.), *História Contemporânea de Portugal: Primeira República*. (pp.9-19). Lisboa: Multilar.
- França, J. A. (1974). *O Romantismo em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Gomes, J. A. (1997). *Para uma história da literatura portuguesa para a infância e a juventude*. Lisboa: Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.



A história como veículo de identidade nacional nos livros infanto-juvenis portugueses:  
alguns títulos entre 1880 e 1940

- \_\_\_\_\_ (2009). “Leitura e memória”. Em Ramos, A. M., Silva, S. R. da e Gomes, J. A., *A memória nos livros: História e histórias*. (pp. 13-21). Porto: Deriva.
- Leal, J. (2006). *Antropologia em Portugal: mestres, percursos, tradições*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Lourenço, E. (1978). *O Labirinto da Saudade: Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Dom Quixote.
- Matos, S. C. (1990). *História, mitologia, imaginário nacional: a História no Curso dos Liceus (1895-1939)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pereira, M. da C. M. (2007). *História da Cultura Contemporânea de Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Ramos, R. (1994). “A segunda fundação: 1890-1926”. Em Mattoso, J. (Dir.), *História de Portugal*. (vol. 6). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Ribeiro, M. M. T. (1999). “Livros e leituras no século XIX”. Em *O Livro e a Leitura: Revista de História das Ideias*, 20, 187-228.
- Roig Rechou, B.-A. (2008). *A literatura infantil e xuvenil galega: seis chaves para entenderla mellor*. Madrid: Asociación Española de Amigos do Libro Infantil e Xuvenil e Xunta de Galicia.
- Sousa, M. M. de A. P. de (2011). *António Sérgio Ministro da Educação*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Aveiro. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Thiesse, A. M. (2002). “Ficções criadoras: as identidades nacionais”. In: *Anos 90, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. N.º 15, 2001/2002. Porto Alegre: UFRGS, 7-21.